

## **ENTRE O SOCIOLOGISMO E O INDIVIDUALISMO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLOGIA DE PIERRE BOURDIEU**

*Luiz Renato Vieira\**

O presente ensaio tem por objetivo a análise do esquema teórico-conceitual desenvolvido por Pierre Bourdieu, procurando demonstrar que sua obra pode ser caracterizada por um constante esforço de mediação entre algumas vertentes tradicionais na sociologia, que superdimensionam a ação das estruturas sobre o indivíduo, e certas tendências mais recentes nas ciências sociais, que procuram entender as condutas dos atores sociais como que quase exclusivamente produzidas pelas racionalidades individuais.

Acreditamos ser possível demonstrar a construção de um esquema de pensamento original e que tem apresentado alternativas teórico-metodológicas interessantes aos problemas postos na sociologia contemporânea através da análise contextualizada de dois conceitos fundamentais, a saber, habitus e campo de poder.

Este trabalho se divide em duas partes: na primeira, procura-se examinar alguns aspectos da trajetória recente da sociologia contemporânea, buscando compreender os questionamentos colocados às vertentes estruturalistas e funcionalistas e suas conseqüências na eleição da ação individual como objeto de análise privilegiado na sociologia. Na segunda parte, adentra-se a obra de Bourdieu, esmiuçando algumas das categorias centrais do pensamento do autor no sentido de evidenciar o caráter heterodoxo de sua teoria, que o levou a responder criativamente a questões centrais no debate atual das ciências sociais.

### **NOTAS SOBRE O INDIVIDUALISMO NA SOCIOLOGIA CONTEMPORÂNEA**

Se fosse possível caracterizar a trajetória da sociologia contemporânea, em suas diversas manifestações, em algumas poucas palavras, certamente este esforço apontaria para um afastamento paulatino das tentativas de explicação do amplo funcionamento do social, rumo a

---

\* Mestre e Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília

delimitações mais precisas e imediatas do objeto de estudo, buscando cada vez mais nas atividades cotidianas o ponto de partida para uma "fotografia" mais fiel da vida coletiva. Desta forma, percebe-se nas teorizações mais recentes no âmbito da sociologia uma releitura dos autores clássicos como Marx, Durkheim e Weber, operando fusões com teóricos como Parsons e Lévi-Strauss. De fato, uma das principais características da produção sociológica mais recente é um certo ecletismo teórico, procurando avançar na compreensão do universo social em sua constante complexificação.

A discussão acerca das novas tendências teóricas em ciências sociais tem freqüentemente trazido ao debate Tomas Kuhn e sua conhecida análise das "revoluções científicas" (1978). Assim, tem sido apontado um processo de superação de alguns paradigmas tradicionais nas ciências sociais por outros, colocados pelo contexto atual das novas questões levantadas pela filosofia e motivadas pelos intensos processos de mudança ocorridos nas sociedades urbano-industriais ocidentais. No entanto, é necessário ter precaução com relação à transposição dos conceitos elaborados por Kuhn para o contexto das ciências sociais. Se o filósofo funde "paradigma" e "matriz disciplinar" num único conceito, Roberto Cardoso de Oliveira (1988), na análise das novas configurações do pensamento antropológico, faz questão de ressaltar que essas noções não devem ser consideradas sinônimas para efeito do entendimento da trajetória intelectual das ciências sociais. Propõe que se entenda a matriz disciplinar como um conjunto de paradigmas, sistematicamente articulados. Isto é, há uma especificidade nas ciências da sociedade que não permite a aplicação direta da noção de revolução científica de Kuhn, uma vez que uma das características centrais desta tradição intelectual - e seu principal impulsor - é a convivência mais ou menos prolongada e articulada de paradigmas diferenciados. Assim, a noção de matriz disciplinar revela-se mais adequada para o entendimento da dinâmica intelectual da sociologia, por escapar da idéia um tanto positivista da necessária superação de paradigmas por outros<sup>1</sup>.

Há na atualidade uma ampla discussão sobre a eficácia das teorias gerais da sociedade e de seus critérios de validação científica. Tende-se, como abordaremos mais adiante, não só a um tratamento que interpreta a ciência social como mais uma forma de discurso - como diferentemente

---

1. Convém ressaltar que a situação que Kuhn chama de crise de paradigma, em que seriam discutidos os fundamentos das ciências, constituem um processo mais ou menos permanente em ciências sociais, intensificam-se em determinados momentos de sua história. "As condições definidoras da crise do paradigma nas ciências naturais são a rotina nas sociais" (Alexander, 1987:07).

propõem a hermenêutica e, de certa forma, a sociologia de Bourdieu -, como também a destacar o caráter transitório de sua "verdade", numa atitude científica que recupera a crítica popperiana ao indutivismo. Em "O novo movimento teórico" (1987), Jeffrey Alexander analisa a trajetória recente das ciências sociais e afirma:

*Onde, até dez anos atrás, havia um clima inteiramente favorável a programas teóricos radicais e unilaterais, ouve-se contemporaneamente a exortação de tipo completamente diferente. Nos centros da sociologia ocidental - na Inglaterra, na França, na Alemanha e nos Estados Unidos - o que está na ordem do dia é mais propriamente uma teoria que busque a síntese do que insista na polêmica (Alexander, 1987:05)*

Nos Estados Unidos verificou-se o surgimento de diversas propostas teóricas a partir da crise do funcionalismo parsoniano. A maioria destas escolas mais recentes apresenta um nítido esforço de microteorização, continuando a trajetória desenvolvida por Robert King Merton (1964) no questionamento dos pressupostos essenciais da teoria sistêmica de Parsons. Como se sabe, Merton propôs uma revisão dos postulados funcionalistas procurando adequar esta análise à sociedade contemporânea, no esforço de salvar o funcionalismo da acusação de "sociologia conservadora". Segundo Marton, um dos pontos de partida seria reduzir o âmbito de validade da noção de sistema, sugerindo formulações teóricas mais modestas como as "teorias de médio alcance" ("mid-range theories").

As novas teorias, surgidas dos escombros do funcionalismo parsoniano, aparecem pois, menos preocupadas em compreender o social como inter-relação de diversas esferas e o mecanismo dessa articulação do que com análises a-históricas em estreitos âmbitos inter-subjetivos. Propostas de análise como a "dramaturgia social" de Erving Goffman e a etnometodologia de Harold Garfinkel têm em comum o fato de supervalorizar as aparências, os comportamentos evidentes, sem postular a existência de essências subjacentes. Rompe-se com a noção de sistema e com as hierarquias que traz em seu bojo. Em Goffman, por exemplo, a ruptura do princípio epistemológico da cisão entre aparência e realidade assume a forma de distinção conceitual entre "cinismo" e "sinceridade" na execução dos papéis sociais. É ruptura porque o cinismo e a sinceridade partem do mesmo princípio da plena consciência das normas sociais que orientam as condutas individuais (Goffman, 1985). Assim, como proposta teórica representativa da trajetória recente das ciências sociais norte-americanas, "la dramaturgia marca la

transición de una anterior economía que gira alrededor de la producción e otra nueva que lo hace alrededor de la comercialización de si mismo" (Gouldner, 1973:350). A sociologia da representação cotidiana de Goffman não busca valores ou representações coletivas sobre as quais a sociedade se organizaria. Tem como objetivo perceber a linguagem comum utilizada em cada momento da vida social, entendida como representação teatral de um roteiro cujas regras gerais são conhecidas por todos os atores. Goffman questiona a crença parsoniana no valor da moralidade sinceramente proclamada e ataca frontalmente as virtudes burguesas, demonstrando seu caráter hierárquico e conservador.

Alwin Gouldner (1973) já apontava os pontos de convergência entre o marxismo e o funcionalismo, na trajetória do pensamento sociológico norte-americano. Esta e outras questões importantes vêm à tona com o intenso debate, produzido mais recentemente, sobre o individualismo metodológico.

O individualismo metodológico tem a principal preocupação de combater a explicação funcionalista em ciências sociais, especialmente no marxismo, propondo a "teoria dos jogos" para a análise de questões que envolvam a ação individual. Como afirma Adam Przeworsky, o individualismo metodológico apresenta a toda uma tradição holista em ciências sociais (envolvendo desde a noção de modo de produção de Marx até o conceito de consciência coletiva de Durkheim) um desafio: "(...) o de fornecer microfundamentos para os fenômenos sociais e, especificamente, basear toda a teoria da sociedade nas ações dos indivíduos concebidas como orientadas para a realização de objetivos racionais" (Przeworsky, 1988:05).

O individualismo metodológico, que segundo Przeworsky pode também ser chamado de "abordagem da escolha racional", constitui uma teoria que não pressupõe *a priori* uma conduta egoísta ou altruísta do indivíduo como agente social. Assim, segundo Bruno Pinheiro W. Reis (1990), o individualismo metodológico tem como premissas básicas as noções de **a**) as ações individuais não são completamente determinadas pelas restrições estruturais; e **b**) os indivíduos são capazes de escolher, entre as ações possíveis, aquelas que racionalmente se adequam aos melhores resultados pretendidos.

É com Jon Elster que a teoria da escolha racional assume sua configuração mais radical, na crítica incisiva aos pressupostos do marxismo tradicional, como o que identifica as classes sociais como sujeitos coletivos da história. Nas palavras de Elster:

*O individualismo metodológico é a posição segundo a qual todas as instituições, padrões de comportamento e processos sociais, só podem ser em princípio explicados em termos de indivíduos: suas ações, propriedades e relações. É um forma de reducionismo, o que quer dizer que nos leva a explicar fenômenos complexos em termos de seus componentes mais simples (Elster, 1989:36)*

Portanto, a alternativa proposta pelo individualismo metodológico à análise funcionalista, entendendo assim todas as formulações teóricas que destacam o primado das estruturas sobre as ações individuais, destacadamente o marxismo, é colocar no centro das preocupações a elaboração de microfundaamentos, pressupostos substantivos que expliquem o comportamento do indivíduo em situações históricas específicas que ampliariam as possibilidades heurísticas da ciência social.

Numa outra perspectiva, porém igualmente motivado pelos recentes processos de complexificação da sociedade ocidental, que impõem uma revisão dos conceitos clássicos no âmbito do marxismo, Claus Offe (1989) identifica uma dinâmica em que a consciência de classe tem sido superada por outros elementos formadores da conduta do indivíduo. Isto é, a partir da segmentação do mercado de trabalho, da diversificação das condições técnicas, econômicas e organizacionais, novos parâmetros são colocados na análise da relação entre desenvolvimento das relações de produção e possibilidades de emancipação das classes subalternas, em função da constituição de uma suposta consciência revolucionária. Em outras palavras, significa dizer que a classe social, em seu sentido econômico mais ortodoxo, não pode mais ser considerada o principal elemento de construção de identidades coletivas no capitalismo contemporâneo. Assim, Offe afirma:

*Que a fábrica não é mais o centro das relações de dominação nem o local dos mais importantes conflitos sociais; que os parâmetros meta-sociais (isto é, econômicos) do desenvolvimento social foram substituídos por uma 'autoprogramação da sociedade'; e que, pelo menos nas sociedades ocidentais, tornou-se altamente enganoso equiparar o desenvolvimento das forças produtivas e a emancipação humana - todas estas afirmações e convicções, encontradas especialmente entre teóricos franceses como Foucault, Tourraine e Gorz, penetraram tão fundo em nosso pensamento, que a*

*'ortodoxia' marxista não desfruta mais de muita respeitabilidade nas ciências sociais (Offe, 1989:18).<sup>2</sup>*

Aproveitando a referência aos pensadores franceses, no contexto do questionamento aos paradigmas tradicionais das ciências sociais, convém destacar o contexto intelectual em que Pierre Bourdieu tem produzido sua obra, a partir da ótica em que são repensadas as noções acerca da determinação estrutural. É nítida a possibilidade do estabelecimento de um paralelo entre as trajetórias da sociologia acadêmica na França e nos Estados Unidos. Embora na sociologia francesa seja mais clara a oposição entre as duas grandes correntes intelectuais - uma preocupada fundamentalmente com a crítica das contradições sociais e outra mais atenta ao tema da organicidade do social e da conduta individual como materialização das normas sociais -, Pierre Ansart (1987) afirma que a partir do refluxo do estruturalismo nos anos 70, verifica-se" (...) uma relativa clarificação, assim como uma nova diversificação das concepções da sociologia e das teorias gerais da sociedade)" (Ansart, 1987:69).

## **PIERRE BOURDIEU: ENTRE O SOCIOLOGISMO E O INDIVIDUALISMO**

Nesta dinâmica, a partir de meados da década de 60, Pierre Bourdieu inicia um processo de questionamento da epistemologia estruturalista, ao mesmo tempo em que discute os fundamentos de uma emergente micro-sociologia e procura analisar o funcionamento de espaços sociais dotados de regras próprias, porém integrados à lógica geral dos conflitos e dos mecanismos de reprodução da sociedade. Procurando avançar na compreensão das estruturas das sociedades capitalistas contemporâneas, Bourdieu se afasta da noção tradicional de classe social para, cada vez mais, ao longo de sua obra, investigar as estratégias de produção dessas estruturas.

Como observa Jeffrey Alexander (1987:22) e seg.) e procuraremos demonstrar adiante, os recentes movimentos intelectuais na França, notadamente o pós-estruturalismo e sua ênfase sobre o simbólico, produziram

---

2. Em *A crise da crise do marxismo* (1987), Perry Anderson faz uma análise dos impactos do estruturalismo francês sobre o pensamento marxista contemporâneo, e escreve: "A hipótese é simplesmente esta: depois que o marxismo francês usufruiu, por longo período de uma ascendência cultural largamente incontestada, aquecendo-se ao calor refletido pelo remoto prestígio da Libertação, ele finalmente encontrou um adversário intelectual capaz de enfrentá-lo e vencê-lo. Seu oponente virtuoso foi a ampla frente teórica do estruturalismo, e a seguir seus sucessores pós-estruturalistas" (Anderson, 1987:38).

um intenso processo de reorientação do eixo da produção intelectual no sentido do afastamento paulatino do marxismo, pelo menos em sua configuração mais ortodoxa. Desta forma, coerentemente com a trajetória global da sociologia contemporânea, da qual destacamos alguns aspectos nas páginas anteriores, a teoria crítica na França passa a substituir a noção de modos de produção pelas pesquisas das formações discursivas - ou das estratégias de distribuição desigual do "capital cultural", na expressão de Bourdieu -, que servem de sustentação para o **status quo**.

A sociologia de Pierre Bourdieu marca-se, sem dúvida, por um esforço de reinterpretação original dos clássicos, procurando livrar-se dos mitos consolidados no campo intelectual da disciplina. Para o autor, certas concepções tradicionais impõem barreiras à construção de novos modelos teóricos que possam recuperar criticamente autores como Marx, Weber e Durkheim, atitude teoricamente profícua, como afirma, desde que este trabalho envolva um rigoroso procedimento de vigilância, para que não se caia no simples ecletismo.

Questionando as interpretações ortodoxas dos clássicos da sociologia, Bourdieu acredita que o principal obstáculo à comunicação entre os conceitos em sociologia não é lógico, mas sociológico:

*Desde o começo de meu trabalho, pareceu-me que seria possível fazer com que a sociologia progredisse decisivamente se conseguisse reunir os conhecimentos, na aparência antagônicos ou, em todo caso, dispersos, sem recorrer a conciliações retóricas ou a compromissos ecléticos, às tradições simbolizadas pelos nomes dos 'pais fundadores': Marx, Durkheim, Weber e superar as oposições, epistemologicamente fictícias mas socialmente reais, entre os 'teóricos' e os 'empiristas' ou, ainda, dentre estes últimos, entre os partidários da indagação estatística e os que defendem a observação etnográfica (Bourdieu. "Trabalhos e projetos". In: Ortiz, 1983:38).*

Um dos principais traços da trajetória intelectual de Bourdieu é exatamente o questionamento dos dogmas que envolvem o trabalho científico em sociologia. Esta empresa corresponde, na mesma medida, a uma contrapartida de amadurecimento de uma complexa rede conceitual. Em inúmeros momentos de sua obra, Bourdieu dirige críticas incisivas às normas que regem o campo científico em sociologia, como em 1966, quando o artigo

de onde se extraiu a citação anterior foi publicado, na revista *Les Temps Modernes*. Esta crítica continua em trabalhos mais recentes, como "Introdução a uma Sociologia Reflexiva", apresentado na *École de Hautes Etudes en Sciences Sociales* e publicado em *O poder simbólico* (1989), em que o autor afirma que "o *homo academicus* gosta do acabado" (:19), questionando assim o fetichismo dos conceitos e teorias em sociologia que deixam de ser instrumento de conhecimento e se transformam em "cães-de-guarda metodológicos".

É neste sentido que podemos afirmar que a obra de Bourdieu pode ser entendida como uma sociologia que busca rever as bases filosóficas da disciplina para romper com os formalismos e as tendências intelectualistas, procurando elaborar conceitos segundo uma perspectiva mais pragmática. Desta maneira, Bourdieu compra os trabalhos científicos com músicas que não deveriam ser simplesmente escutadas, mas tomadas como fornecedoras de princípios de elaboração de novas composições:

*Compreender trabalhos científicos que, diferentemente dos textos teóricos, exige não a contemplação, mas aplicação prática, é fazer funcionar praticamente, a respeito de um objeto diferente, o modo de pensamento que nele se exprime. É reactivá-lo num novo acto de produção tão inventivo e original como o acto inicial que se opõe absolutamente ao comentário des-realizante do lector, metdiscurso ineficaz e esterilizante" (Bourdieu, 1989:64, grifos do autor)*

Portanto, para Bourdieu, a cientificidade é atribuída fundamentalmente pela capacidade da abordagem teórica de construir novos universos de investigação, a partir da construção de objetos de estudos originais. A ciência social deve perseguir métodos e teorias - que, segundo o autor, têm sido instâncias artificialmente separadas no trabalho científico-, capazes de converter objetos socialmente tidos como insignificantes em objetos científicos.

De certa maneira, Bourdieu propõe uma radical revisão de algumas noções brasileiras em sociologia, o que nos recorda as já aludidas crises de paradigma de que trata Thomas Kuhn (1978). Assim, a sociologia precisaria voltar ao debate sobre seus "fundamentos" para recuperar sua dimensão crítica, o que necessariamente passaria pela ruptura com o teoricismo (atitude que, segundo o autor, não produz uma "teoria científica", mas uma "teoria



teórica") assumindo o caráter provisório de suas afirmações e a necessidade de constantes atualizações através do contato com novos objetos de estudo.<sup>3</sup>

Para que se compreendam os dois conceitos que entendemos serem centrais na obra de Bourdieu, a saber, "campo de poder" e "habitus", convém explicitar a que problemas estas noções pretendem apresentar soluções, isto é, que tipo de questões estavam colocadas no debate sociológico, sobretudo na França, servindo como estímulo para a elaboração de um novo corpo teórico. Inicialmente, faz necessário destacar alguns aspectos da postura de Bourdieu em relação ao estruturalismo. Certamente estão aí só elementos para o entendimento de uma sociologia que aparece como um projeto que tenta escapar aos determinismos de um sociologismo radical e, ao mesmo tempo, evitar recair numa exacerbação da autonomização do indivíduo.

O pensamento sociológico desenvolvido por Bourdieu dá continuidade a um amplo movimento que envolveu Georges Gurwitsch, Georges Balandier e Alan Tourraine, entre outros autores, no questionamento do primado epistemológico atribuído às estruturas como fonte de explicação sociológica. Uma primeira observação nos permite verificar que Bourdieu se apóia em algumas noções que evidenciam a herança intelectual de que é portador, como o próprio conceito de campo de poder, definido em *Questões de sociologia* (1983) como "espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições (ou de postos) cujas propriedades dependem das posições nestes espaços, podendo ser analisadas independentemente das características de seus ocupantes (em parte determinadas por elas)" (Bourdieu, 1983:89). Desta maneira, Bourdieu pressupõe um determinado grau de influência das estruturas sobre os indivíduos, ressaltando inclusive o fato de campos diferenciados estarem sujeitos a regras comuns, "leis de funcionamento invariantes". No entanto, acreditamos ser importante inserir conceitos como este na trajetória do autor para que se possa fazer uma análise mais apropriada de uma obra tão dinâmica e diversificada como a de Bourdieu. Se cotejarmos a noção de campo acima (extraída de uma exposição feita na École Normale Supérieure em 1976) com a abordagem do campo científico realizada em *Lições da aula* (1988 (1982)) em *Coisas ditas* (1990 (1987)), podemos identificar uma preocupação crescente na elaboração de uma "teoria geral dos campos", que procura o

---

3. Em rápida referência à noção de revoluções científicas de T. Kuhn, Bourdieu deixa claro que em ciências sociais não cabe a noção de que novos paradigmas sucedem definitivamente ao "esgotamento" dos anteriores. Esse pensamento, segundo Bourdieu, recuperaria a concepção da filosofia idealista de que a ciência é dotada de uma "lógica imanente" (Bourdieu, "O campo científico" In: Ortiz, 1983:125).

ponto de equilíbrio entre a autonomização do agente social e a ação do processo socializador sobre o indivíduo.

A autocrítica intelectual realizada por Bourdieu em *Coisas Ditas* (1989) reforça este tipo de argumentação o autor deixa claro que tem por objetivo compreender a sociedade por um prisma que considere as ações individuais e a possibilidade da subversão das estruturas:

*Eu queria reintroduzir de algum modo os agentes, que Lévi-Strauss e os estruturalistas, especialmente Althusser, tendiam a abolir, transformando-os em simples epifenômenos da estrutura. Falo em agentes e não em sujeitos.\*A ação não é a simples execução de uma regra. Os agentes sociais, tanto nas sociedades arcaicas como nas nossas não são apenas autômatos regulados como relógios, segundo leis mecânicas que lhes escapam (Bourdieu, 1989:21).*

Numa dimensão mais ampla, a noção de campo reproduz esta mesma percepção de autonomia, pois os campos, embora sujeitos a normas de funcionamentos semelhantes, possuem relativa autonomia em relação à dinâmica da sociedade como um todo. Isto é, as articulações, vale dizer, os conflitos que se operam no interior do campo dão a especificidade de sua história. Para Bourdieu, os objetos da disputa e os interesses específicos são irreduzíveis de um campo a outro, dependem de habitus socialmente elaborados e linguagens construídas sobre certos pressupostos que os antagonistas admitem como sendo evidentes, aquém de qualquer discussão, porque constituem a condição tácita da discussão" (Bourdieu, "O campo científico". In: Ortiz, 1983:145). Esse consenso, a linguagem comum, vai permitir o funcionamento do campo, espaço que, segundo o autor, necessariamente incorpora o exercício do poder. Se, por um lado a noção de campo denota a filiação de Bourdieu a uma tradição de pensamento que por muito tempo tem privilegiado o valor das estruturas na construção das ações sociais e das próprias categorias de entendimento da realidade (o que atribui a Durkheim importante papel na construção teórica deste autor), por outro lado o autor atribui ao conceito de campo uma dinâmica que permite a compreensão das transformações ocorridas nesses espaços.

Há um constante conflito em busca da legitimidade, a partir da detenção e do uso do capital simbólico específico do campo, capital esse desigualmente distribuído. A desigualdade na posse do capital simbólico gera o embate de diferentes atitudes no interior do campo: estratégias de

conservação e estratégias de subversão, cada uma buscando maior retorno para os investimentos realizados.

Os choques entre estas estratégias podem produzir mudanças no interior dos campos, alterando os mecanismos de legitimação ali aceitos como consensuais. O embate simbólico é, em última instância, a tentativa constante de cada grupo de tornar gerais seus princípios de classificação que, naturalmente, colocam seus elaboradores em posição privilegiada em relação aos demais.

A idéia de classificação permeia os principais conceitos da obra de Bourdieu, remetendo diretamente à noção de "poder simbólico" como estrutura estruturante. Retomam-se aí, como afirmamos acima, algumas noções basilares na École Sociologique Française, tanto na aceção de que as categorias de percepção de mundo são construídas socialmente, a partir da inserção do indivíduo em seu universo de relações sociais como também na definição de toda ordem cultural como sistema classificatório. Bourdieu se apóia na abordagem durkheimiana das formas sociais de classificação, que assumiu sua melhor elaboração em "Algumas formas primitivas de classificação" (Durkheim e Mauss, 1984) quando os autores desenvolvem os princípios mais elementares para as classificações que as sociedades operam sobre a realidade que as envolve<sup>4</sup>.

Incorporando este referencial para a compreensão dos conflitos sociais no interior dos campos, Bourdieu vê a luta pelo poder simbólico, como já afirmamos, como sendo essencialmente o enfrentamento de estratégias que procuram tornar gerais princípios de classificação particulares a setores sociais específicos:

*A partir do momento em que são colocados a propósito de nossa sociedade, do nosso sistema de ensino, por exemplo, os problemas gnoseológicos que Durkheim colocava a respeito das religiões primitivas se tornam problemas políticos; não se pode deixar de ver que as formas de classificação são formas de dominação, que a sociologia do conhecimento é simultaneamente uma*

---

4. "As primeiras categorias lógicas foram categorias sociais; as primeiras classes de coisas foram classes de homens nas quais as coisas formam integradas. Foi porque os homens estavam agrupados e se concebiam a si mesmos sob a forma de grupos, que agruparam idealmente os outros seres, e as duas modalidades de agrupamento começaram por se confundir a ponto de serem distintas" (Durkheim e Mauss, 1984:198).

*sociologia do reconhecimento e do conhecimento, ou seja, da dominação simbólica* (Bourdieu 1990: 37)

Este embate atribui dinâmica ao campo, podendo mesmo chegar, através das estratégias de subversão, à redefinição geral dos princípios de legitimação do poder simbólico. No conflito entre ortodoxia e heterodoxia, são constantemente reelaborados os discursos de legitimação, e é exatamente aí que se encontra a possibilidade de reestruturação da doxa. Se o campo é o local pré-estabelecido para os conflitos sociais, isso não significa que Bourdieu, dessa forma, os funcionalize. Se o campo tem uma tendência, digamos, inercial para reproduzir a desigualdade na distribuição do capital simbólico em função da imposição de determinadas estratégias classificatórias, isso não significa que Bourdieu não tenha concebido suas possibilidades de transformação. Ao contrário, em diversos momentos o autor afirma como uma das funções precípuas da ciência social o desenvolvimento do conhecimento das estratégias de subversão dos campos, pois é desse saber que podem advir transformações nessas estruturas, como faz em Lições da aula:

*Enunciar uma lei social como aquela que estabelece que o capital cultural vai para o capital social é oferecer a possibilidade de introduzir as circunstâncias que contribuem para o efeito que ela prevê - neste caso particular, a eliminação das crianças mais carentes de capital cultural - os 'elementos modificadores', como dizia Auguste Comte, que por mais frágeis que sejam em si mesmos, podem ser suficientes para transformar na direção de nossas esperanças o resultado dos mecanismos* (Bourdieu, 1988:18-19).

É assim que se define, para Bourdieu, o papel da ciência social, com a possibilidade do estabelecimento de "alianças", baseadas nas homologias de posições entre as camadas subalternas da sociedade e os cientistas que constituem a "fração dominada da camada dominante". Assim, haveria a transferência do "capital cultural acumulado" (Bourdieu, 1989:153). Sua oposição em relação à noção de "neutralidade axiológica" é profundamente crítica: "A idéia de uma ciência neutra é uma ficção e uma ficção interessada, que permite fazer passar por científico uma forma neutralizada e eufêmica, particularmente eficaz simbolicamente porque particularmente irreconhecível, da representação dominante do mundo social" (Bourdieu, "O campo científico". In: Ortiz, 1983:148).

A noção de campo, portanto, nos remete a uma concepção de poder que de alguma forma se assemelha àquela elaborada por Michel Foucault, por não buscar um elemento central, seja o Estado ou outro qualquer, de onde emanaria toda a imposição de autoridade e valores. É nessa perspectiva que Bourdieu define o seu conceito de classe social, situando-se entre a noção marxista e a concepção de grupos de status segundo Max Weber. Captando aspectos que coexistem na realidade, Bourdieu caracteriza a classe social tanto como grupo economicamente definido quanto delimitado por relações simbólicas e representações específicas (Bourdieu, 1974:15). Assim, o conflito social deve ser entendido, segundo Bourdieu, não apenas como enfrentamento material, mas também como o choque de princípios éticos, estéticos e de todos aqueles vinculados à representação que os grupos sociais fazem do mundo.

É neste sentido que em *O poder simbólico* (1989) o autor dirige uma crítica incisiva à teoria marxista de classes e da mudança social, a partir do conflito entre estas. Como já havia feito em outros trabalhos (cf. p. ex. Bourdieu, 1983:20 e seg.), o autor condena a redução dos conflitos ao plano econômico, como faz o marxismo (pelo menos em sua vertente mais ortodoxa) que ignora, segundo Bourdieu, a posição ocupada pelo indivíduo nos diferentes campos e sub-campos de que participa: "Na realidade, o espaço social é um espaço multidimensional, conjunto aberto de campos relativamente autônomos, quer dizer, subordinados quanto ao seu funcionamento e às suas transformações, de modo mais ou menos firme e mais ou menos directo ao campo da produção económica" (Bourdieu, 1989:153). Desta forma, os grupos dominantes e os grupos dominados, afirma Bourdieu, envolvem-se em lutas incessantes, que se apresentam de formas diferenciadas, de acordo com os princípios que regem o campo em questão.

A sociologia que Bourdieu propõe chamar de "teoria do espaço social" (ou "topologia social") parte, portanto, de uma série de questionamentos à teoria marxista, procurando destacar a importância do estudo da substância das relações sociais, materializadas nos grupos reais, em oposição à "classe teórica", um constructo científico frequentemente entendido como um grupo efetivamente mobilizado, orgânico e dotado de vontades homogeneamente manifestas. Essa atitude intelectualista produz um fetichismo da noção de classe social que parte do pressuposto funcionalista de que as consciências e as vontades individuais estão inexoravelmente subordinadas a uma vontade central.

A sociologia de Bourdieu tem como pedra angular a crítica à dissolução do indivíduo na estrutura, como aparece na sua posição em relação ao

estruturalismo, conforme foi abordado anteriormente. Ataca-se, portanto, a noção estruturalista de "aparelhos", instituições tomadas como sujeitos históricos e causas finais para qualquer explicação sociológica. A sociologia, para Bourdieu, precisava afastar-se do objetivismo que a direcionava para o estudo de "personalidade míticas" em conflito, ao invés de deter-se na análise dos enfrentamentos concretos, na forma como os grupos se apresentam na realidade social.

É baseado nessa crítica que Bourdieu desenvolve a noção de habitus, conceito central de uma perspectiva crítica em relação aos principais caminhos que as ciências sociais trilham nos últimos anos. A noção de habitus expressa a recusa de um determinismo estruturalista e de uma filosofia do sujeito como a que aparece nas expressões mais radicais do recente individualismo metodológico. Dessa forma, a utilização da categoria conceitual habitus implica um esforço de se manter uma certa equidistância da postura que conseiea os agentes como executante da política dos aparelhos, numa pretensa postura hermenêutica que, como afirma Bourdieu, procura a essência atrás das aparências, e também do mero empirismo, em que a ação se esgota na racionalidade individual. Bourdieu define o habitatus como:

*(...) sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente 'reguladas' sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para a atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (Bourdieu, "Esboço de uma teoria da prática". In: Ortiz, 1983:60-61).*

Como ocorre com outras tendências das ciências sociais contemporâneas, a sociologia de Bourdieu caminha para uma análise essencialmente relacional, tratando a pesquisa social como o esforço de compreensão da articulação interna de um discurso cotidianamente elaborado pelos agentes. Para Bourdieu, o indivíduo enquanto agente social, tem no habitus adquirido a fonte dos esquemas de percepção da realidade, das estratégias de classificação e das normas de organização da sociedade da qual faz parte. Mas, ao mesmo tempo, é um construtor de objetos na operação prática das relações sociais.

Dessa forma, o conceito de habitus incorpora a dinâmica social, pois os princípios mais ou menos cimentados na doxa de cada campo são passíveis de reestruturação. São, em última instância, produtos da história. De uma história que os indivíduos, de acordo com as representações sociais de que são portadores e as regras dos campos em que se envolvem, escrevem cotidianamente.

## BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDER, Jeffrey. *O novo movimento teórico*. RBCS, nº 4, v. 2, 1987.
- ANDERSON, Perry. *A crise da crise do marxismo*. São Paulo: Brasiliense, 3ª ed., 1987.
- ANSART, Pierre. "O debate sociológico na França - 1965-1987". In: *III Congresso Nacional de Sociologia*. Brasília: Sociedade Brasileira de Sociologia, 1987.
- BOURDIEU, Pierre. "Campo intelectual e projeto criador". In: *Problemas do estruturalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- \_\_\_\_\_. "Condição de classe e posição de classe". In: Miceli, Sergi (org.) *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- \_\_\_\_\_. *Lições da aula*. São Paulo: Ática, 1988.
- \_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 2ª ed., 1982.
- DURKHEIM, Émile e MAUSS, Marcel. "Algumas formas primitivas de classificação". In: RODRIGUES, José Albertino (org.). *Durkheim: sociologia*. São Paulo: Ática, 3ª ed., 1984.

- ELSTER, Jon. *Marx hoje*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 6ª ed., 1985.
- \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- GOFFMAN, Erwing. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- MERTON, Robert King. *Teoría y estructura sociales*. México: Fondo de Cultura Económica, 2ª ed., 1964.
- OFFE, Claus. *Trabalho: a categoria-chave da sociologia?*. RBCSF, nº 10, v. 4, 1989.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Sobre o pensamento antropológico*. Rio de Janeiro: CNPq, 1988.
- ORTIZ, Renato. *Bourdieu*. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.
- PRZEWORSKY, Adam. *Marxismo e escolha racional*. RBCS, nº 6, v. 3, 1988.
- REIS, Bruno Pinheiro W. *Reflexões sobre a epistemologia de Popper e o individualismo metodológico*. Série Estudos, nº 77, Rio de Janeiro: IUPERJ, 1990
- WRIGHT, Eric et al. *Marxismo e individualismo metodológico*. RBCS, nº 11, v. 4, 1989.